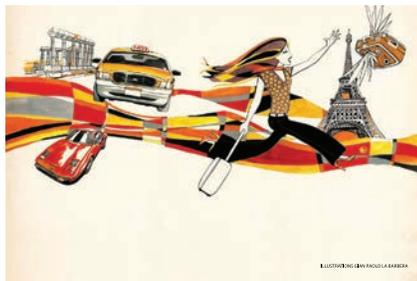


Aberta para o Mundo

Paula Pfeifer

Você já imaginou que, enquanto lê este capítulo, uma pessoa próxima a você pode ter uma deficiência invisível e até mesmo um superpoder? O seu vizinho pode ser alguém como eu, que tem deficiência auditiva grave e é capaz de ler os lábios dos outros a muitos metros de distância.



Por isso, permita-me uma breve apresentação: tenho 30 anos, sou gaúcha de Santa Maria, cientista social por formação e funcionária pública por profissão. Como *hobby*, escrevo o *blog Crônicas da Surdez* (cronicasdasurdez.com), em que compartilho algumas de minhas experiências, muitas delas de viagem, e também o *Sweetest Person* (sweetestpersonblog.com), sobre moda, beleza e literatura — este teve mais de 1 milhão de visualizações só entre janeiro e março de 2012.

O bichinho das viagens internacionais me picou em 2003, quando pisei em solo europeu pela primeira vez. Desde então, foram muitos carimbos diferentes no passaporte e uma infinidade de histórias que mostram que é possível, sim, viajar pelo mundo independentemente da surdez.

Quando você lê surdez, por favor, não vá logo pensando em linguagem de sinais ou silêncio total. Permita-me lhe apresentar ao interessante mundo dos surdos oralizados, do qual faço parte. Uso aparelhos auditivos de última geração, que me trazem de volta ao universo dos sons. Assim, me comunico oralmente como qualquer pessoa que ouve. Esse equipamento (pasmem!) conecta-se via *bluetooth* com telefone celular, televisão, notebook, telefone, iPod, iPad e, se bobear, até com a geladeira — existem inclusive versões à prova d'água para quem pratica esportes aquáticos.

Helen Keller, que era surdocega, e se tornou uma célebre pensadora norte-americana, falava que “a cegueira separa as pessoas das coisas e a surdez as separa das outras pessoas”.

Se você ouve perfeitamente, imagine-se passando 24 horas com tampões nos ouvidos, sem entender o que lhe dizem, tendo sua comunicação comprometida. O sentimento é de frustração e medo. Mas quem tem deficiência auditiva não se



deve privar de conhecer o mundo por medo. A parte legal da surdez é ter coragem de enfrentar os desafios que ela traz, e viajar sozinho é o mais estimulante e prazeroso deles. Nós somos muito mais capazes e criativos do que nos julgamos, e estar por conta própria em um país estrangeiro traz à tona uma força que nem sonhávamos ter.

Com pequenas adaptações e uma boa dose de ousadia, basta colocar uma mochila nas costas (ou uma mala de quatro rodinhas nas mãos) e cair na estrada. Só em 2011 fui a Buenos Aires, Montevideu, Punta del Este, Roma, Florença, Paris, Londres, Mykonos, Atenas, Barcelona, Santiago e Valle Nevado. E, enquanto você lê este capítulo, provavelmente estou em mais uma viagem pela Europa. Em 2012 ainda lanço meu primeiro livro, sobre as aventuras e desventuras da surdez.

Algumas delas você lê a seguir.

“A parte legal da surdez é ter coragem de enfrentar os desafios que ela traz”

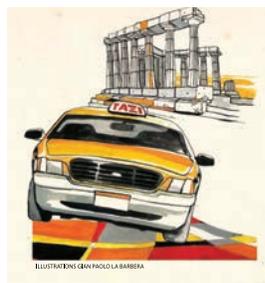
No Aeroporto

Quem ouve mal, mesmo usando aparelhos auditivos, geralmente não entende o que é dito sem a ajuda da leitura labial. Por isso, a atenção nos aeroportos precisa ser redobrada — afinal, tudo é avisado pelos alto-falantes. Em 2006, lá estava eu esperando um voo para Londres em Guarulhos, olhos vidrados na TV em busca de qualquer sinal de mudança de horário ou portão de embarque. Meu voo foi alterado nada menos do que cinco vezes! Devo ter corrido uns 15 quilômetros de um portão para o outro.

Apesar de ainda não ter perdido um voo, conheço várias pessoas que já perderam. O aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, só faz informes pela TV, não usa alto-falantes. Uma boa dica é baixar o aplicativo Infraero Voos Online, para iPhone, iPad e Android, que quebra esse galho.

No Táxi

Em 2011, ao voltar de balsa de Mykonos, eu e uma amiga tivemos o azar de pegar o taxista mais safado de Atenas. Ele fingia que não entendia inglês e que não compreendia as coordenadas do Google Maps. Prestei-me até a lhe dar um mapa — em grego — com indicações de como chegar ao hotel, mas mesmo assim ele se fazia de sonso. Acabou rodando por uma hora até parar em um bairro muito mal encarado, para piorar, era madrugada. Foi a maior tensão, pois ele queria que eu e minha companheira de viagem saíssemos do carro lá mesmo. Fizemos um escândalo em português e, quando o grego cansou de ouvir os nossos berros, decidi mostrar meus conhecimentos de inglês. Ele me passou o celular, mas expliquei que não ouvia ao telefone se em português já é difícil, em inglês com sotaque grego seria impossível entender. E minha amiga não falava inglês. Conseguimos encontrar o hotel, mas foi um parto de trigêmeos sem anestesia. Com esse episódio, aprendi uma lição: se vou chegar a qualquer



cidade do exterior de madrugada, já deixe marcado um *transfer* de confiança. É melhor prevenir do que cair nas mãos de um taxista inescrupuloso.

No Hotel

Quando pesquiso hotéis no exterior, me deparo com resenhas que dizem para não fazer a reserva nesse ou naquele, pois ficam em ruas movimentadas e barulhentas. Neste verão, passei 15 dias em Buenos Aires e me hospedei em um hotel que fica no olho do furacão em Palermo Hollywood. Numa tarde, adormeci com meus aparelhos auditivos. Quando anoiteceu, acordei de supetão e quase enfartei de susto com o barulho da muvuca lá fora. Na hora me compadeçi do sofrimento de quem ouve perfeitamente e precisa aturar esse tipo de barulho.

Quem ouve mal tem uma bela vantagem para dormir: basta desligar os aparelhos para ter o merecido sono dos justos, com um silêncio delicioso. Mas temos que criar a nossa própria acessibilidade nos hotéis. Meu truque é fazer amizade com alguém da recepção e explicar que não escuto, portanto não adianta ligarem para o quarto, por exemplo. Deixo combinado o horário para a camareira limpar o quarto para não correr o risco de sair do banho e dar de cara com ela. Levo sempre comigo um despertador vibratório, assim acordo sozinha e durmo tranquila, sabendo que não vou perder a hora.

Se quiser pedir comida ou serviço de quarto, vou até a recepção e eles fazem isso por mim.

Na Hora da Socialização

Quando os novos amigos estrangeiros me chamam para sair, minha tática é pedir para escolher o lugar. Assim posso optar por um local bem iluminado e relativamente silencioso, porque leitura labial no escuro é impraticável e é difícil entender o que escuto em ambientes com muito barulho vindo de todas as direções. Além disso, explico que se quiserem falar comigo basta enviar um e-mail ou SMS. As pessoas não são adivinhas para saber das nossas necessidades, não é mesmo?

Passeios

Na Europa, em quase todos os museus, bilheterias de monumentos, supermercados e até metrô há um dispositivo chamado *hearing loop* (amplificador de indução magnética). Se o seu aparelho auditivo for compatível com ele, o som que você quer ouvir (a voz do guia no museu, por exemplo) vai vir alto e claro para os seus ouvidos, sem a interferência de outros sons. Um exemplo de acessibilidade **“com pequenas adaptações e uma boa dose de ousadia, basta cair na estrada”**.

Epifanias Auditivas

Em um trem em direção a Mônaco, meu cérebro entendeu o que foi dito pelo alto-falante graças a um semestre de aula de francês feito anos atrás: “Prochain arrêt: Villeneuve Loubet”. Meu coração quase saltou pela boca de emoção. Meu banco no trem tinha vista para o Mediterrâneo, e fiquei contemplando aquela imensidão azul, vivenciando o raro prazer de ouvir algo — e entender — sem leitura labial. Mas, chegando a Mônaco, um som recorrente e inusitado logo me deixou irritada: o barulho do motor das Ferraris. Pode?